SER MODERNO É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO

REGINA LEITE GARCIA

Veza por outra as autoridades, assim denominadas não por serem “autoridades no assunto”, mas pela “autoridade no posto”, pretendem salvar a educação brasileira. Estes pruridos se devem muito mais a uma vergonha subdesenvolvida de quem tenta mimetizar o Primeiro Mundo. Assim como se orgulhavam de falar a língua do dominador e dar tapinhas nas costas, forçando os ricos a intimidade só possível se concedida, gostariam também de mostrar estatísticas dignas de um país que tem, afinal, o maior estádio do mundo.

Já tivemos, por exemplo, grandes campanhas de alfabetização. Durante a ditadura militar, foi criado um gigantesco MOBREAL, sob a presidência de uma “autoridade”, um economista... e hoje, na última década do século, apresentamos 60 milhões de analfabetos. “Vergonha nacional”, mote que na falta de vergonha nacional, tanto nos envergonha. Como responder aos “civilizados” quando nos cobram em nossas viagens de pedintes? Urge que se faça alguma coisa, e, eis que surge a velha ideia moderna de uma Campanha Nacional de Alfabetização e Cidadania. Praze ao céus que o destino das verbas não seja o mesmo dos dinheiros da LBA ou da Previdência Social.

Já tivemos, também, ministros “autoridades de posto”, que resolvam que todas as escolas deveriam ter aulas de educação sexual, ideia “moderna”, que de vez em quando renasce. Freud explica. No entanto, o número de abortos realizados em condições medievais e o número de mulheres que morrem no parto, no pós parto ou interrompendo a gravidez nos deveriam fazer refletir se o problema seria “educação sexual nas escolas”.

Assim também, em certas épocas, apareceu a educação para a saúde e teríamos tido agentes (alunos) de saúde nas escolas, se a ideia não tivesse morrido, do mesmo modo que teríamos patrulheiros de trânsito (alunos) se o defensor da educação para o trânsito não tivesse sido atropelado por injunções políticas a ele desfavoráveis.

Agora está em moda a educação ambiental. Afinal, estamos às vésperas da Conferência do Rio de Janeiro – ECO 92, que já está provocando mudanças na cidade um dia maravilhosa. A cidade está sendo maquilada. Afinal, meio ambiente é tema que mobiliza até o príncipe herdeiro da Inglaterra. By appointment of the (future) King.

Árvores serão plantadas, praias despoluídas, ciclovias construídas (para ida do Millor Fernandes), ruas limpas. Quem sabe até os carros deixem de jogar monóxido de carbono no ar e torne-se proibido buzinar? Pode ser até que reapareça como “moderna”, a velha ideia de jogar os mendigos no Rio da Guarda. O difícil é que agora o número de miseráveis é muito maior do que no tempo do Lacerda e talvez não haja água suficiente para escondê-los.

Neste quadro mazombo, nada surpreendente que o então “ministro no posto” quisesse colocar as escolas na era da modernidade. Por um momento ficam esquecidos os altíssimos índices de reprovação, repetência e exclusão e, jogando-se a miséria em baixo do tapete, cria-se uma nova disciplina, a Educação Ambiental, numa escola em que faltam professores das disciplinas básicas. Esquece-se também, et pour cause, a velha crítica à fragmentação do conhecimento.

As Secretarias de Educação criam a disciplina. As Universidades criam o Curso de Formação de Professoras para a nova disciplina. As agências financiadoras estimulam projetos integrados de pesquisa sobre o tema... E a escola continua se negando a receber oito milhões de crianças em idade de escolaridade obrigatória e, das que conseguem furar a barreira e entrar na 1ª série, mais de 50% ao retidas na 1ª série e saem da escola ao final da escolaridade escolar obrigatória sem sequer saber ler e escrever.

Novo e velho. Roupa nova para o velho descaso com a educação. Por que isto acontece no Brasil?

Basta consultar as estatísticas para identificar o modelo de “desenvolvimento” e, por decorrência, compreender que para manter uma sociedade em que um por cento (1%) da população detém 53% de toda a riqueza nacional e em que 49,2% vivem à margem das políticas econômicas e sociais – é preciso manter o povo muito ignorante - para que todos acreditem que aquela minoria que se apropria de toda a riqueza produzida no país o faz por sua extraordinária capacidade empresarial, esforço e inteligência.

Para que esta falsa verdade seja aceita, enquanto todas as mocinhas pobres sonham com um marido rico como prometem as novelas de televisão, é preciso mexer

na educação para nada mudar, pois se os que detém o poder não mexerem, pode ser que os 99% que não participam do banquete resolvam virar a mesa, mexendo para mudar.

Mexer sem mudar é construir CIAC, ao invés de recuperar e aparelhar as escolas já existentes, é inventar uma nova disciplina, Educação Ambiental, acreditando assim entrar na modernidade, somos o 5º importador de agrotóxicos do mundo.

Pensando, apenas por exercício de imaginação, que esta moderna disciplina atingisse, de fato, os objetivos de uma verdadeira Educação Ambiental – o que aconteceria com uma agricultura baseada na utilização sem qualquer controle, de agrotóxicos? E o que fariam as transnacionais que os produzem nos impõe este modelo de agricultura?

ONDE, COMO E PORQUE SURGE A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

A consciência ecológica surge nos países do norte europeu e americano, como reação à ação predatória dos homens e como decorrência de sociedades escolarizadas e informadas, nas quais os cidadãos se posicionam criticamente em relação às questões que abalam a sociedade global. Países onde há forte consciência e exercício da cidadania que se manifesta através de movimentos populares organizados, que atuam e influem nos destinos do país e tentam influir nos destinos do mundo.

Predador o homem sempre foi. O que lhe faltava era a consciência das consequências nefastas de sua ação predadora. Os estudos antropológicos e etnográficos têm nos revelado que bom selvagem de Rousseau mais se deve ao sentimento de culpa do colonizador do que a evidências empíricas.

É preciso admitir que o homem, desde sempre, buscou a sobrevivência como as demais espécies, pelo caminho mais fácil, e que foi o comportamento desenvolvimentista da espécie humana (sem qualquer juízo de valor) que a colocou na rota de colisão com o meio ambiente. Eram cavados buracos, feitas fogueiras para iluminar, aquecer e cozinhar, outras espécies eram mortas para sobrevivência, moradia, roupa e adornos, a agricultura sempre recorreu ao fogo para desmatamento, florestas foram sendo destruídas, rios poluídos pelo escoamento de dejetos. Na verdade, a grande mudança foi vertiginosa aceleração da taxa de saúde, saneamento básico. O

extraordinário aumento populacional se deve aos avanços da ciência (enquanto em tempos idos os já velhos tinham 30 anos, hoje, no Brasil, a expectativa de vida é de 65,6 anos, e no Japão, onde se apresenta a mais alta expectativa de vida do mundo, é de 78,6 anos) o que torna mais grave a ação predatória do homem. Some-se ao aumento dos índices demográficos, a sofisticação da vida moderna, sobretudo nos países mais ricos (carros, aparelhos de ar refrigerado, geladeiras, aerosóis etc), além dos polos petroquímicos, celulose, a mineração e as cimenteiras, acrescidos ao perigo permanente das usinas atômicas e dos materiais tóxicos e radioativos.

No entanto, se os avanços da Ciência aumentaram a poluição no planeta, contraditoriamente, foi a Ciência, também, que nos possibilitou conhecer os perigos de sua própria criação e criar formas de enfrentar a poluição. A consciência ecológica foi se constituindo a partir dos desastres ecológicos e as medidas preventivas de novos desastres são resultado de avanços científicos. Quando há um grande desastre, como Three Miles Island ou Chernobyl, a consciência ecológica coletiva se manifesta, tanto mais formalmente quanto mais vigorosa foi a participação da sociedade.

Consciência ecológica e democracia caminham juntas. Quando o lixo tóxico e radioativo oriundo dos Estados Unidos, Japão e Suécia é jogado na África, não há qualquer protesto das populações nativas. É feito um acordo de governo para governo e a população não é ouvida. No entanto, a população italiana protesta quando um navio italiano aceita fazer o trabalho cujo é transportar lixo radioativo para a África.

Quando os primeiros carros começaram a circular no mundo, aqueles que os fabricavam e os seus usuários não tinham a mais leve consciência de que no final do século estaríamos ameaçados com o buraco de ozônio provocado pelo monóxido de carbono.

Assim, também, quando as primeiras indústrias petroquímicas foram instaladas não havia a menor consciência de seu efeito destruidor, porque poluidor. Na medida em que começaram a aparecer os resultados dessa indústria poluente, nos homens e na natureza, é que foi aparecendo a consciência ecológica.

É importante compreender esta dialética para sabermos como foi surgindo a consciência ecológica e os movimentos em defesa do meio ambiente. Estes movimentos surgem como resultado da ação de populações organizadas, participantes, conscientes

de seus direitos, sociedades democráticas, onde a informação é socializada e onde os diferentes grupos expressam os seus interesses e os têm atendidos. Nestas sociedades a população se informa, se organiza, denuncia, pressiona o Estado, exigindo, entre outras coisas, medidas de combate à poluição. Na medida em que a sociedade pressiona, o Estado é obrigado a criar sanções sobre as indústrias poluentes, e estas fogem para países onde a consciência e o exercício da cidadania são mais frágeis. Lamentavelmente, para a América Latina, a África ou a Ásia.

São os países mais industrializados os maiores consumidores de combustíveis fósseis e de clorofluorcarbonos e, portanto, os que mais contribuem para o aquecimento global. No entanto, embora nestes países exista hoje maior controle da poluição graças à ação de grupos de pressão, as suas políticas de Estado são ambíguas. Os Estados Unidos, por exemplo, são frequentemente acusados de preparar uma Lei de Ar Limpo muito avançada em casa, enquanto sua abordagem internacional é bastante tímida. É como afirmou a ministra da Dinamarca para o Meio Ambiente Lone Dybkjaer: “Os Estados Unidos estarão a caminho de Marte dentro de 30 anos. Deveríamos lhes pedir que façam a sua parte na abolição do dióxido de carbono neste planeta, antes de sua partida”.

Para os que ficam, alguns já falam em revolução ecoindustrial, desenvolvimento auto-sustentado, o que exigirá mudanças radicais na vida econômica e nas relações entre os homens, dos homens com a natureza e dos homens consigo mesmos.

E há ainda aqueles como Guattari que fala de uma ecologia que se desdobra em 3 dimensões indissociáveis – a ecologia do meio ambiente, a ecologia mental e a ecologia social - , as dimensões da realidade que sofrem o mesmo efeito de degradação, e que deveriam se constituir em 3 níveis de luta hoje. Para o filósofo, o que está em questão não é o desenvolvimento técnico-científico e suas consequências, mas o fato de que este avanço é apropriado por poucos, impedindo as demais forças sociais e políticas de avançarem no terreno de vida individual e coletiva, que vem sendo degradada, tanto ou mais do que o meio ambiente. Propõe então, a socialização dos avanços tecnológicos, reorientados em seus princípios por novos sistemas de valor, que não visem apenas ao lucro, mas a uma rentabilidade social estética e de desejo.

A questão ecológica hoje, não mais pode ser ignorada por aqueles que têm alguma responsabilidade social. É como afirma frei Betto, ao criticar um certo reacionarismo das esquerdas ao movimento ecológico:

“Ao assumir a questão ecológica, os movimentos populares estarão se livrando do confinamento ideológico no qual pretendem mantê-los e abrindo-se à participação de inúmeras pessoas que, na ânsia de uma vida melhor, estão tomando consciência de que a qualidade de vida depende de novas relações sociais de produção, que coloquem os bens da terra e os frutos do trabalho ao alcance de todos.”

EDUCAR É PRECISO, MEXER NÃO É PRECISO

Se o movimento ecológico é resultado de uma consciência coletiva de responsabilidade individual, pois cada ação ou omissão individual referente no meio ambiente (homens, seres vivos, natureza), desde a comunidade circundante à região, ao país, ao continente, ao planeta Terra, ao Sistema Solar, à Via Láctea, ao Cosmos – como reduzi-lo na escola à disciplina Educação Ambiental?

Educação Ambiental não pode ser limitar a uma disciplina (Educação Ambiental), à definição de alguns conteúdos (retirados dos antigos programas de ciências), a algumas atividades (fazer uma horta na escola sem utilizar agrotóxicos), a alguns eventos (realizar uma excursão ecológica). De pouco vale plantar uma árvore e não se preocupar com o estado de miséria em que vivem 56 milhões de brasileiros, ou participar de campanhas pela sobrevivência de mico leão dourado e nada fazer em relação aos 12 milhões de menores abandonados.

Educação Ambiental há que ser uma concepção totalizadora de Educação, só possível quando o resultado de um projeto político-pedagógico orgânico, construído coletivamente na inter-ação escola e comunidade e articulado com os movimentos populares organizados comprometidos com a preservação da vida em seu sentido mais profundo.

Não há educação ambiental com participação política. Numa sociedade com pouca tradição democrática como a nossa, a educação ambiental deveria contribuir para o exercício da cidadania, no sentido da transformação social. Além de aprofundar os conhecimentos sobre as questões ambientais, criar espaços participativos e desenvolver valores éticos que recuperem a humanidade dos homens.

Numa cidade como Ibirubá no Rio Grande do Sul existe Educação Ambiental nas escolas porque existe uma mentalidade ecológica na cidade, de respeito aos homens e à natureza, de solidariedade aos habitantes da cidade e aos que vivem fora da cidade, seja onde for, de compromisso com o espaço e com a coisa pública, de engajamento na construção de uma sociedade melhor porque mais justa, mais generosa, mais democrática.

Educação Ambiental é coisa séria para se banalizar em modismos, forma de se sentir moderno. Onde se faz Educação seriamente, educadores e educandos, por que comprometidos e por que conscientes, desenvolvem uma atitude de profundo respeito pelos homens e pela natureza. Suas ações são direcionadas pelo o que Fred denominou pulsões de vida. E esta forma de estar no mundo norteia todas as ações, perpassando o currículo da escola. Está presente na seleção de conteúdos culturais. Nas opções metodológicas, na escolha dos materiais didáticos, nas relações entre as pessoas e entre a escola e a comunidade, enfim, na reconstrução radical do currículo.

Instituir a Educação Ambiental exige trabalhar 2 eixos – a questão do conhecimento, objetivo explícito da escola, e a questão dos valores, em geral não explicitados claramente. O conhecimento e os valores são transmitidos através da organização da escola, das relações que nela se dão e, obviamente, das metodologias e materiais didáticos.

Quando se pretende desenvolver uma consciência ecológica há que se desvelar a gênese do conhecimento:

- Como o conhecimento foi produzido historicamente por todos os homens em sua luta pela sobrevivência, através de sua ação sobre a natureza, transformando o mundo natural em cultura, e, ao transformar a natureza, se transformando.
- Como esta foi uma construção coletiva.
- Como esta produção coletiva foi sendo historicamente privatizada, uns poucos expropriando a maioria do resultado de seu trabalho.
- (...) tentativa de universalizar o que seria interesse dos que passaram a exercer o poder.

- Como no processo de expropriação/apropriação vão se produzindo e acentuando as desigualdades sociais e econômicas, justificadas pela ideologia das aptidões, dos dons, do mérito, das diferenças individuais.
- Como se deu a divisão do conhecimento, totalidade indivisível, em trabalho intelectual e trabalho manual, como a desqualificação da prática.
- Como alguns homens se valem do conhecimento para escravizar, explorar, destruir, para a guerra, para a morte, enquanto outros homens utilizam o conhecimento para criar formas de convivência mais generosas, para descobrir formas de impedir e curar doenças, para salvar vidas, para lutar pela liberdade de todos.
- Como é direito da totalidade da população encontrar na escola um espaço de reapropriação do conhecimento, que se construído historicamente por todos os homens, a eles deve retornar.
- Como no processo de desvelamento da gênese do conhecimento os alunos vão se percebendo sujeitos de conhecimento e por tal capazes de construir novos conhecimentos sobre a sociedade, a natureza, os homens.
- Como, portanto, a escola pode e deve ser, não apenas um espaço de transmissão/assimilação de conhecimentos, mas um espaço permanente de construção de novos conhecimentos.

E, finalmente, é da totalidade do conhecimento que os homens criarão uma economia em escala humana, formas de preservação dos recursos não renováveis, fontes de energia alternativa, novas formas de vida, objetivos de educação ambiental.

Mas, embora de fundamental importância, a apropriação crítica e criativa do conhecimento não é suficiente para que se instale uma consciência ecológica coletiva. Os homens podem ter conhecimentos, podem até ser críticos e criativos, porém se forem egoístas, colocarão seus conhecimentos e usarão suas capacidades apenas para atender a seu individualismo possessivo – como usar seus conhecimentos e a sua criatividade para ter mais (individualismo – oportunismo), pois ter mais (propriedade) significa ter mais força e poder que os outros (competição) e poder satisfazer todos os seus desejos (consumismo). Estes são os valores da sociedade capitalista, que no Brasil chegaram ao

seu limite máximo com a lei de Gérson – é preciso levar vantagem. Esta é a lógica de capitalismo selvagem, predador por excelência.

Educação Ambiental, ao contrário, se pautaria nos valores da solidariedade, da cooperação, do respeito, do compromisso com o coletivo, da participação, da responsabilidade de suas escolhas, de respeitar e se fazer respeitar, de compreender a fragilidade das ações individuais e a força do coletivo, de criar soluções para os impasses com que se defrontam, de se disciplinar e se organizar coletivamente para atingir o pretendido, de avaliar suas próprias possibilidades e seus próprios limites, de conquistar mais autonomia e de se comprometer cada vez mais com a sociedade global, de se perceber como parte de uma totalidade natural e social, cuja preservação depende de todos e de cada um.

Quando professores se reúnem em Congressos como este, apesar das condições lastimáveis a que foi relegada a educação no Brasil, é porque ainda não morreu a chama que anima a todos aqueles que lutam pela transformação da sociedade e, portanto, pela reinvenção da vida.